

Qualidades (adquiridas e adstritas) ()*

Significados originários e correntes.

O termo qualidade significa, no seu imediato e intuitivo emprego linguístico, “aquilo pelo qual algo é do modo que é”. Atendendo à sua etimologia latina, a *qualitas* liga-se primariamente ao pronome *qualis* (“qual”) traduzível no seu recorte interrogativo por “de quê?”, i.e. “de que natureza?”, “de que espécie?”. Umbilicalmente vinculado a esse enraizamento etimológico, o termo qualidade sedimentou gradualmente o seu sentido nas ideias de propriedade, aquisição, poder, faculdade, carácter, nível, grau ou estatuto, abrindo espaço, nesse campo polissémico, para designar a determinação específica de um estado (ou condição) inerente à percepção experiencial de algo (vivo ou não vivo, real ou virtual), imerso num contexto ou situação e, por conseguinte, constituindo-se – com maior ou menor grau de sciência ou consciência – como “própria” dele, ou seja na medida em que é “apropriada-a-ele” (enquanto atributo já vinculado ou adstrito) ou “apropriada-por-ele” (enquanto característica adquirida ou desenvolvida). Entendido em diferentes nichos de emprego terminológico, o mote da “qualidade” adquiriu decisiva relevância e transversalidade em todos os domínios da experiência humana quer ao nível da aferição qualitativa de actos, operações e procedimentos, quer ao nível da dotação qualificativa de

* AMARAL António, «Qualidades (adstritas e adquiridas)», in *Dicionário Global da Espiritualidade e da Mística*, dir. Eduardo Franco e Eugénia Abrantes, Instituto de Estudos Avançados em Catolicismo e Globalização (IEAC-GO) e CLEPUL – Universidade de Lisboa, em parceria com a Conferência Episcopal Portuguesa (CEP); Lisboa: 2025 [versão online ISBN 978-989-9012-99-8]

aptidões, capacitações e competências, assumindo-se com uma espécie de exigência ubíqua para tudo o que envolve produtos, serviços, processos, sistemas, etc. A qualidade, contudo, não é, como habitualmente se entende, de todo oposta e inconciliável com a dimensão quantitativa e, num certo sentido, tende mesmo a integrá-la, sem nela necessariamente se diluir. Com efeito, se na indústria, v.g., a qualidade é entendida como conformidade relativa a especificações de produção (implicando requisitos legais e regulatórios), sendo a qualidade dos produtos aferida e garantida por inspeções, testes e mensurações (envolvendo as expectativas dos consumidores), já na saúde, a mesma é assumida como promoção de uma vida saudável (em termos preventivos, interventivos, e posterventivos), assegurada de forma não apenas acessível e fiável, mas também eficaz e eficiente, sendo a qualidade do serviço médico e/ou terapêutico aferida pelos resultados clínicos alcançados e validada através de indicadores de satisfação dos pacientes, ao passo que, na educação, é entendida como sistema de capacitação dos alunos em vista da aquisição de procedimentos, atitudes e conhecimentos essenciais para uma aprendizagem incremental, crítica e contínua, sendo a qualidade do ensino garantida por políticas de acesso a uma escolaridade mínima obrigatória e aferida mediante indicadores baseados quer em taxas de sucesso escolar, quer em índices de qualificação para a empregabilidade.

Abordagem categorial e epistemológica.

Em termos formais, a noção de qualidade muito dificilmente poderá resistir a uma conceptualização unívoca. A partir da pergunta *qual?*,

Aristóteles expande categorialmente o conceito de qualidade em quatro níveis, ligando-o ou a hábitos comportamentais, disposições virtuosas e estados físicos (*Cat.*, VIII, 8 b 25); ou a uma capacidade ou incapacidade natural para realizar uma determinada função (*Ibid.*, 9 a 14); ou a uma faculdade afectiva para sentir sensações, paixões e emoções (*Ibid.*, 9 a 27); ou, enfim, a formas e figurações geométricas (*Ibid.*, 10 a 10). Já em ambiência moderna, a dimensão qualitativa conhecerá um inicial impulso por mão do físico-químico e filósofo natural R. Boyle (vide *The Origin of Forms and Qualities*, V, 302), sendo, no imediato seguimento deste, filosoficamente retomada e consolidada por J. Locke (vide *Essay concerning Human Understanding*, II, 8) na distinção básica entre “qualidades primárias” que, por parecerem inerir às coisas independentemente de quem as observa (v.g. tamanho, forma e movimento), prevalecem como propriedades determinantes e fundamentais para o conhecimento científico, e “qualidades secundárias” que, por parecerem depender da estrutura sensorial do próprio observador (v.g. textura, cor e sabor), subordinam-se àquelas a título contingente e subjectivo.

Qualidade adstrita e qualidade adquirida.

A dimensão qualitativa pode, num acercamento imediato e preliminar, ser abordada sob dois prismas: por um lado, como qualidade “adstrita”, i.e. enquanto expressão de uma marca congénita; por outro, como qualidade “adquirida”, enquanto resultado de um processo cumulativo que entrelaça aprendizagem, treino e experiência. Enquanto das qualidades “adstritas” decorre, pela sua índole inata, um tipo de aptidões (v.g.

anatômicas, neuro-fisiológicas, instintivas, etc.) já intrinsecamente vinculadas; das qualidades “adquiridas”, por seu turno, depende, pela sua índole sobreveniente, um tipo de apetências (v.g. comportamentais, relacionais, criativas, espirituais, etc.) que dependem não apenas de uma activação consciente, mas também de uma prática continuada. Em ambos os casos, o processo nunca ocorre de forma desfasada ou desconexa, visto que o que permite “qualificar algo como tal” resulta da conjugação de predisposições congénitas e de adaptações evolutivas, com base na qual se forma um conjunto de tendências ou inclinações susceptíveis de ser reforçadas, reajustadas, revertidas ou suprimidas. A distinção entre qualidades adstritas e adquiridas não se compadece, portanto, com a rigidez de uma definição puramente dicotómica e disjuntiva, tanto mais que os dois planos ocorrem num interface onde a estrutura subjacente (somática, genética, e sobretudo neurofisiológica), a exposição ao meio (físico, endémico e sobretudo ambiental) e a inscrição contextual (familiar, social e sobretudo cultural) interagem e retroagem de forma acomodatória (por correcção sucessiva), adaptativa (por estabilização faseada) e gradativa (em complexidade crescente). Esta multimoda confluência de planos não predetermina qualitativamente o que um ser vivo necessariamente “haverá-de-ser”, mas antes no que “poderá-vir-a-tornar-se” no limiar de uma certa margem probabilística, dependendo do respectivo grau de senciência, consciência e livre-arbítrio. São, a esse propósito, múltiplas e heterogéneas as vertentes humanas onde o binómio adstrito/adquirido assume particular relevância crítica, desde o domínio da teorização zoológica e bioetológica do nexa entre instintos e

condicionamentos reflexos no reino animal (vide respectivamente I. Pavlov e K. Lorenz) e da sua transposição não só para o campo da psicologia comportamental (designadamente no que concerne ao vínculo entre predisposição e aprendizagem na estruturação comportamental quer através do mimetismo por “observação-repetição-padrão”, quer do condicionamento por “estímulo-resposta-recompensa-reforço”, quer através do looping “tentativa-erro-ajustamento”), bem como para o campo da psicologia do desenvolvimento infantil (ao nível cognitivo, v.g. J. Piaget, moral, v.g. L. Kohlberg, e filosófico, v.g. M. Lipman), ou da experiência estética (ao nível da formação do génio criativo na intuitividade popular “inspiração-transpiração”), ou até mesmo do desempenho desportivo (ao nível da tríade “aptidão-treino-melhoramento”), até ao domínio da sociologia (onde v.g. a questão do carisma se instala como bissectriz política ou organizacional entre o exercício do poder como “dom” natural e a construção da liderança como “aprendizagem” contínua), passando pelo domínio da antropologia, tanto na sua declinação religiosa (no tocante a saber se v.g. a crença numa realidade transcendente ocorre de forma naturalmente espontânea ou culturalmente induzida), como também teológica (relativamente v.g. à tensão entre natureza concedida e graça excedida), sem ignorar igualmente a espiritual (no respeitante v.g. à desafiante polaridade entre o “a-si-dado” e o “por-si-acrescentado”, tal como se colhe na Parábola dos Talentos em Mt. 25: 14-30 e Lc. 19: 12-27).

Aporias no actual debate filosófico entre inatismo/aquisitivismo.

O binómio adstrito/adquirido persiste actualmente no debate filosófico que diseca a clivagem inatismo/aquisitivismo, sem que qualquer consenso teórico se vislumbre para as multifacetadas e divergentes teses em jogo, como adverte P. Griffiths no seu artigo *The Distinction Between Innate and Acquired Characteristics*: «A distinção inato/adquirido não é apenas interessante por si só, mas também serve como um exemplo de como a disciplina de filosofia pode e deve interagir com os campos científicos que investiga. (...) Isso suscita uma consideração importante (...): até que ponto <um determinado diagnóstico filosófico> é moldado pelos detalhes particulares do debate científico em que se baseia? (...) A distinção inato/adquirido aparece em discussões social e eticamente importantes, (...) <mesmo quando> o conceito vernacular de inaticidade projeta um essencialismo cientificamente desacreditado sobre as espécies na natureza. (...) Uma das razões pelas quais as pessoas continuam a ter confiança na distinção é que elas acreditam que existem especialistas científicos capazes de classificar definitivamente as características como inatas ou adquiridas. Todavia, (...) tais classificações são, na realidade, altamente problemáticas e há pouco consenso sobre se elas têm valor científico ou sobre como devem ser elaboradas».

BIBLIOGRAFIA

ARIEU André, "Innateness", in *Philosophy of Biology*, M. Matthen and C. Stephens (eds.), Amsterdam: Elsevier, 2007, 567–84; ARISTÓTELES, *Categorias, Da Interpretação*, trad. Ricardo Santos, Lisboa: INCM, 2016; BATESON Patrick and MAMELI Matteo, "The Innate and the Acquired: Useful Clusters or a Residual Distinction from Folk Biology?", in *Developmental Psychobiology*, 2007, 49: 818–31; BOYLE Robert, "The Origin of Forms and Qualities" (1665-7), in *The Works of Robert Boyle*, eds. Michael Hunter and Edward B. Davis, vol. 5, London: Pickering & Chatto, 1999; BULLER Mark, *Adapting*

Minds: Evolutionary Psychology and the Persisting Quest for Human Nature, Cambridge, MA: MIT Press, 2006; CARMICHAEL Leonard, "Heredity and Environment: Are They Antithetical?", in *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 1925, 20: 245–60; CASSIDY John, "Half a Century on the Concepts of Innateness and Instinct: Survey, Synthesis and Philosophical Implications", in *Zeitschrift Für Tierpsychologie*, 1979, 50: 364–86; CHEUNG Benjamin et al., "Am I My Genes? Perceived Genetic Etiology, Intrapersonal Processes, and Health", in *Social and Personality Psychology Compass*, 2014, 8 (11): 626–37; COFNAS Nathan, "Innateness as Genetic Adaptation: Lorenz Redivivus (and Revised)", in *Biology & Philosophy*, 2017, 32: 559–80; FORD Donald and LERNER Richard, *Developmental Systems Theory: An Integrative Approach*, Newbury Park, CA: Sage, 1992; GERVAIS, Will et al., "The Cultural Transmission of Faith: Why Innate Intuitions Are Necessary, but Insufficient, to Explain Religious Belief", in *Religion* 2011, 41: 389–410; GODFREY-SMITH Peter et al., *Complexity and the Function of Mind in Nature*, Cambridge: Cambridge University Press, 1996; GRIFFITHS Paul and LINQUIST Stefan, "The Distinction Between Innate and Acquired Characteristics", in *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, ed. Edward N. Zalta, Spring: 2022 [<https://plato.stanford.edu/archives/spr2022/entries/innate-acquired/>]; GRIFFITHS Paul, "What Is Innateness?", in *The Monist*, 2002, 85(1): 70–85; HINDE Robert, "Dichotomies in the Study of Development", in J. M. Thoday and A. S. Parkes (eds.), *Genetic and Environmental Influences on Behaviour*, New York: Plenum, 1968, 3–14; PAVLOV Ivan, *Conditioned reflexes; an investigation of the physiological activity of the cerebral cortex*, London: Oxford Univ. Press, 1927; LOCKE John, *Essay concerning Human Understanding* (1690), ed. Peter H. Nidditch, Oxford: Clarendon Press, 1975; KITCHER Philip, "Battling the Undead: How (and How Not) to Resist Genetic Determinism", in R. Singh, et al. (eds.), *Thinking about Evolution: Historical, Philosophical and Political Perspectives (Festschrift for Richard Lewontin)*, Cambridge: Cambridge University Press, 2001, 396–414; KOHLBERG Lawrence, *The Psychology of Moral Development: The Nature and Validity of Moral Stages*, San Francisco: Harper & Row, 1984; LORENZ Konrad and LEYHAUSEN Paul, *Motivation of human and animal behavior: an ethological view*. New York / London: Van Nostrand-Reinhold, 1973; KUO Zing, "How Are Our Instincts Acquired?", in *Psychological Review*, 1922, 29: 344–365; LALAND Kevin and BROWN Gillian, *Sense and Nonsense: Evolutionary Perspectives on Human Behaviour*, Oxford, New York: Oxford University Press, 2002; LAUDAN Larry, *Progress and Its Problems: Towards a Theory of Scientific Growth*, Berkeley: University of California Press, 1977; LIPMAN Matthew, *Philosophy for Children*, ed. with Terrell Ward Bynam, Oxford: Basil Blackwell, 1976; MAMELI Matteo, "Nongenetic Selection and Nongenetic Inheritance", in *The British Journal For The Philosophy Of Science*, 2004, 55: 35–71; MAYR, Ernst, "Cause and Effect in Biology", in *Science*, 1961, 134 (3489): 1501–6; MEDIN Douglas and ORTONY Anthony, "Psychological Essentialism", in Stella Vosniadou and Andrew Ortony (eds.), *Similarity and Analogical Reasoning*, Cambridge: Cambridge University Press, 1989, 175–195; MURRAY Michael, "Scientific Explanations of Religion and the Justification of Religious Belief", in *The Believing Primate*, ed. J. Schloss and M. J. Murray, Oxford, UK: Oxford University Press, 2009, 168–78; PIAGET Jean. *The psychology of the child*. New York: Basic Books, 1972;

SCHAFFNER Kenneth, "Genes, Behavior and Developmental Emergentism: One Process, Indivisible?", in *Philosophy of Science*, 1998, 65 (2): 209–252; SCHNEIRLA Theodore and ROSENBLATT Jay, "'Critical Periods' in the Development of Behavior", in *Science*, 1963, 139: 1110–1115; SHEA Nicholas, "Genetic Representation Explains the Cluster of Innateness-Related Properties", in *Mind & Language*, 2012, 27: 466–493; SLONE Jason and Van SLYKE James, *The Attraction of Religion: A New Evolutionary Psychology of Religion*, London: Bloomsbury Academic, 2015; TOMKINS Silvan, *Affect, Imagery and Consciousness*, New York: Springer, 1962; VAN EYGHEN Hans et al., "The Cognitive Science of Religion, Philosophy and Theology: A Survey of the Issues", in *New Developments in the Cognitive Science of Religion: The Rationality of Religious Belief*, ed. Hans Van Eyghen et al., Dordrecht: Springer, 2018, 1– 14; WEINBERG Jonathon and MALLON Ron, "Living with Innateness (and Environmental Dependence Too)", in *Philosophical Psychology*, 2008, 21 (3): 415–24; WEST-EBERHARD Mary, *Developmental Plasticity and Evolution*, Oxford: Oxford University Press, 2003; WILKINS, John and GRIFFITHS Paul, " Evolutionary Debunking Arguments in Three Domains: Fact, Value, and Religion", in *A New Science of Religion*, ed. Gregory Dawes and James Maclaurin, London: Routledge, 2013, 133– 46